

O Reggae de raízes brasileiras

Considerado mais que um estilo musical, ritmo conquista cada vez mais seguidores em território nacional

MARCELA MAIA E PEDRO CAPDEVILLE



O grupo AfroReggae com seus padrinhos Regina Casé e Caetano Veloso.

No final dos anos 1960 surge uma nova geração de músicos tentando novos jeitos de tocar o Rocksteady, atenta aos cânticos Rastafáris que puxavam pelo lado africano, enfatizando a repetição rítmica, ou assumidamente ligada ao movi-

mento. Com a pressão social em alta voltagem nas ruas, nasce enfim o Reggae, inicialmente gravado Reggay. Como nessa época o Rastafári ganhava corpo na sociedade da Jamaica, foi quase natural que ele fizesse do Reggae sua manifestação pública, e Bob

Marley, em sua infatigável cruzada, levasse ao mundo os princípios deste misto de religião e atitude política. No fim dos anos 1960, Caetano Veloso cantaria que desceu a Portobello Road, em Londres, ao som do Reggae, o que foi estabelecido como a primeira

menção à palavra “Reggae” na música brasileira. Experiências com o ritmo foram tentadas por Jards Macalé, Luís Melodia e outros, mas foi Gilberto Gil quem levou tal influência mais a sério, vendendo mais de 500 mil cópias do compacto de *Não chores mais*, a versão brasileira de *No woman no Cry* de Bob Marley. Enquanto isso, no Pará, Maranhão e na Bahia o Reggae também começava a conquistar certo espaço, o que pode ser explicado pela semelhança dos ritmos locais com o da ilha caribenha, que afinal veio da mesma raiz: a África.

Apresentado ao ritmo por um vendedor de discos paraense, o dono de radiola Riba Macedo começou a apresentar o Reggae entre os forrós e merengues que tocava em São Luís. Logo o som caiu nas graças dos maranhenses. No Rio, São Paulo e Belo Horizonte, alguns bailes Reggae surgiram nas periferias. Chico Evangelista cantou o *Reggae da independência* e Raimundo Sodré ficou famoso com o *Reggae A massa*, cantado em um festival no início dos anos 1980. Bob Marley vem ao país e promete voltar com o Inner Circle para uma turnê em toda a América Latina. Peter Tosh se apresenta com grande sucesso no Festival de Jazz de São Paulo. Quando o Reggae parecia que iria conquistar de vez o Brasil, morre seu maior idealizador, Bob Marley no início dos anos 1980. Para muitos era a morte do Reggae, pois o estilo musical foi e ainda é muito escorado pelos seus personagens e pela cultura Rastafári. Marginalizado, o Reggae se recolheu ao *underground*, mas não ficou parado.

As primeiras bandas e fã-clubes brasileiros começam a surgir. Marco Antônio Cardoso funda o Fã-Clube Bob Marley de São Paulo e Mariano Ramalho o do Rio.



A banda Tribo de Jah conquistou o público brasileiro com o ritmo jamaicano

Em Belo Horizonte, Mauro França inicia o Fã-clubê Massive Reggae. Em Recife aparece o Grupo Karetas. Edson Gomes na Bahia, Luís Vagner, Jualê e os Walking Lions em São Paulo começam a sua trajetória. Muitos outros grupos aparecem a partir da segunda metade dos anos 1980, em grande parte por causa do sucesso dos Paralamas do Sucesso, que sempre tiveram uma grande influência do Reggae em sua música. No Maranhão, surge a Tribo de Jah. Os programas de rádio também tiveram grande influência na divulgação do Reggae. Vale citar o “Batmacumba”, de Nelson Meirelles e os programas de Maurício Valladares, no Rio.

Nos anos 1990, bandas como Cidade Negra e Skank levaram o ritmo a um novo público, fazendo sucesso em todo o país e iniciando carreira internacional. Tribo de Jah e Edson Gomes também levam um grande público a suas

apresentações. Atualmente existe mercado para a música Reggae, porém esse espaço ainda é muito diminuto e o estilo sonoro sofre preconceito pela associação do Reggae com as drogas.

A banda Reggae Style que surgiu no início dos 1990, em meio ao caos de São Paulo, é composta por jovens da periferia inspirados pela filosofia cultural Rastafári: “Enfática na harmonia ecológica e no amor ao próximo, encontra na música o caminho para propagar seus ideais através do ritmo”, explica o vocalista Carlos Dread. Em 2003, a banda firmou-se no cenário nacional com o lançamento do seu primeiro CD intitulado *Em meio ao caos*, assinado pelo Selo Central Reggae e distribuído pela Indie Records.

A banda, além de trabalhar seus discos, participa também em turnês e shows de Norte a Sul do país, marcando presença nas principais cidades brasileiras, a exemplo de



Gilberto Gil em seu show *Kaya N'Gan Daya*, tributo a Bob Marley.

Fortaleza, Natal, Juazeiro do Norte, Florianópolis, Curitiba, Goiânia, Brasília, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife e Salvador, muitas vezes participando de grandes festivais como o República do Reggae (BA), Ceará Music (CE), Festival Internacional, Maratona do Reggae, Grito de Carnaval de São Paulo, Reggae na Charles Muller, e dezenas de outros, muitas vezes dividindo o palco com as grandes estrelas nacionais e internacionais tais como Tribo de Jah, Peter Brogs (Jamaica), Jota Quest, Natiruts e O Rappa.

Julio J-Bay, tecladista da banda, aconselha aos músicos de bandas Reggae que estudem e conheçam a cultura rasta para progredir musicalmente. “Sintam a música, ensaiem, busquem na fonte do Reggae da Jamaica, conheçam a cultura rasta, aprendam as notas musicais, leiam a Bíblia – Salmos de Davi, esse é o caminho para o Reggae verdadeiro. Agora, se querem sucesso, passem cera nos cabelos, escrevam músicas falando de praia, maconha, e amor superficial que é certeza que virá” – afirma.

AfroReggae: um projeto social

Entre as bandas de Reggae no Brasil destaca-se o AfroReggae, que fez o caminho inverso de outras bandas. Ela surgiu através de um projeto social criado em 1993, na favela do Vidigal, no Rio de Janeiro. O grupo cultural AfroReggae, que gravita em torno do Reggae, tem como foco a divulgação e a valorização da cultura negra voltada para jovens ligados nos ritmos musicais como Reggae, Soul, Hip hop e outros. O objetivo do AfroReggae era ter maior intervenção com a população afro-brasileira, atuando, principalmente, na comunidade de origem de seus membros: Vigário Geral. Foi criado também o Núcleo Comunitário de Cultura, para iniciar no local suas atividades de amparo a jovens carentes e com potencial de se envolver com a criminalidade, que passavam a integrar projetos sociais motivados por atividades

como dança, percussão, futebol, reciclagem de lixo e capoeira. Logo após a chacina de Vigário Geral, em agosto de 1993, os fundadores e a comunidade perceberam ainda mais a necessidade de uma evolução do projeto social do AfroReggae como instrumento de representação, defesa e auxílio para a comunidade. A partir deste momento, o projeto consolidou-se e, em 1997, o núcleo contou com apoio de personalidades como Caetano Veloso e Regina Casé.

Com o passar do tempo, o AfroReggae vem crescendo e hoje já atua em quatro comunidades: Vigário Geral, Morro do Cantagalo, Parada de Lucas e Complexo do Alemão. Em entrevista à TV UOL, José Junior, fundador e coordenador do AfroReggae, conta que atualmente o grupo lida com 73 projetos, 10 bandas de música, duas trupes de circo e um grupo de dança e teatro.



MAURICIO VALLADARES



Paralamas do Sucesso: precursores do Reggae no Brasil